



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**  
**PRÓ-REITORIA DE PÓS GRADUAÇÃO**  
**ESPECIALIZAÇÃO EM FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO**

**ROSINETE DE LIMA MAIA**

**HEIDEGGER: LINGUAGEM E EDUCAÇÃO**

**CAMPINA GRANDE-PB**

**2016**

ROSINETE DE LIMA MAIA

**HEIDEGGER: LINGUAGEM E EDUCAÇÃO**

Monografia apresentada ao curso de Especialização em Filosofia da Educação da Universidade Estadual da Paraíba em observância à exigência para a obtenção do grau de Especialista.

**Orientador:** Professor Dr. José Arlindo de Aguiar Filho

**CAMPINA GRANDE-PB**

**2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

M217h Maia, Rosinete de Lima.  
Heidegger Linguagem E Educação [manuscrito] : linguagem e educação / Rosinete de Lima Maia. - 2016.  
59 p.  
  
Digitado.  
Monografia (Filosofia da Educação) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.  
"Orientação: Prof. Dr. José Arlindo de Aguiar Filho, Filosofia".

1. Heidegger. 2. Linguagem. 3. Educação. 4. I. Título.  
21. ed. CDD 193

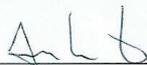
ROSINETE DE LIMA MAIA

**HEIDEGGER: LINGUAGEM E EDUCAÇÃO**

Monografia apresentada ao curso de Especialização em Filosofia da Educação da Universidade Estadual da Paraíba, em observância à exigência para a obtenção do grau de Especialista.

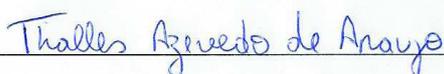
APROVADA: \_\_\_ / \_\_\_ / \_\_\_

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. José Arlindo de Aguiar Filho UEPB

Orientador



Prof. Dr. Thalles Azevedo de Araújo UEPB

Examinador



Prof. Dr. Júlio Cesar Kesting UEPB

Examinador

*A Deus meu sustento, aos meus filhos e a vida.*

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus por me conduzir sempre aos melhores caminhos.

Aos meus filhos, por serem meus companheiros e meu suporte em todas as minhas conquistas.

Ao meu orientador Professor Dr. José Arlindo de Aguiar Filho, pela amizade, pelo apoio oferecido desde a minha graduação. Minha eterna gratidão.

Aos professores do curso de Especialização em Filosofia da Educação, que se desdobraram, mesmo diante das dificuldades surgidas, para nos dar o que neles há de melhor.

*“O homem age como se fosse o senhor e mestre da linguagem, enquanto que na verdade a linguagem permanece mestra do homem.”*

*(Martin Heidegger)*

## RESUMO

Martin Heidegger (1889-1976), um dos maiores pensadores do século XX, ressalta não escrever obras e sim abrir caminhos. Em um dos caminhos estabelecidos por Heidegger nos deparamos com o problema da linguagem que, esbarra na impossibilidade humana de encontrar para essa um espaço teórico que a defina como objeto do conhecimento. Uma das estruturas ontológicas apresentadas por Heidegger em sua busca pelo sentido do ser na análise do Dasein é a fala, fundamento da compreensão e proposição, e que, segundo Heidegger, é “o fundamento ontológico-existencial”. Os filósofos têm se dedicado em esclarecer a questão entre linguagem e pensamento. Será o pensamento possibilitado pela linguagem ou será a linguagem definida em sua constituição pelo pensamento? Heidegger realiza uma mudança na forma de se pensar a linguagem a partir de sua obra “A caminho da linguagem”, de 1959, em uma tentativa de minimizar o abismo que se coloca quando se pensa na relação pensamento linguagem. O problema da linguagem tem motivado a filosofia contemporânea à grandes mudanças, e sua ligação com a educação tem despertado um grande interesse no âmbito da pesquisa, interesse fundamentado no desejo de harmonizar os elementos de compreensão de como acontece a constituição e a atividade da linguagem na educação. A relação entre o filósofo Martin Heidegger e a educação, mesmo não sendo Heidegger um estudioso da educação, torna-se viável a partir de seus pressuposto como a cura, o cuidado e também a linguagem, pensada por este como a casa do ser, o ser que é questão primordial em sua obra.

**Palavras-chave:** Heidegger. Linguagem. Educação.

## ABSTRACT

Martin Heidegger (1889-1976), one of the greatest thinkers of the twentieth century, emphasizes not to write works but paths. In one of the paths established by Heidegger we face the problem of language that collides with the human inability to find a theoretical space to set it as an object of knowledge. One of the ontological structures presented by Heidegger in his search for the meaning of being in the analysis *Dasein* is the speech, this is the foundation of understanding and proposition, and, according to Heidegger, is “the ontological and existential foundation of language”. Philosophers have been devoted to clarify the issue between language and thought. Does the thought made possible by language or language will be defined in its constitution by thought? Heidegger makes a change in the way of thinking language from his work “The path of the language”, from 1959, in an attempt to minimize the gap that arises when considering the relationship thought-language. The problem of language has motivated the contemporary philosophy to major changes, and its link with education has aroused a great interest in the field of research, interest based on the desire to harmonize the understanding elements of how language constitution and activity takes place on education. The relationship between the philosopher Martin Heidegger and education, although Heidegger not being a scholar of education, becomes feasible from his assumption as the cure, care and also the language, thought by him as the home of being, being which is key issue in his work.

Keywords: Heidegger. Language. Education.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
<b>1. PERSPECTIVAS ACERCA DA LINGUAGEM</b> .....	<b>13</b>
<b>2. EXISTENCIAIS QUE ESTRUTURAM A LINGUAGEM</b> .....	<b>16</b>
2.1 Compreender e interpretação .....	16
2.2 Enunciado .....	18
2.3 A fala.....	19
<b>3. A LINGUAGEM</b> .....	<b>21</b>
3.1 Linguagem como linguagem para a linguagem .....	21
<b>4. HEIDEGGER E A EDUCAÇÃO</b> .....	<b>28</b>
4.1 A cura e a educação .....	34
<b>5. LINGUAGEM E EDUCAÇÃO</b> .....	<b>36</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>44</b>
<b>BIBLIOGRAFIA</b> .....	<b>47</b>

## INTRODUÇÃO

Estando no âmbito dos maiores pensadores do século XX, Martin Heidegger(1889-1976), filósofo alemão, escritor e professor universitário, segundo Marcia Sá Cavalcante Schuback, em *Caminhos da linguagem* enfatiza que escreve não obras e sim caminhos. Nos caminhos indicados por Heidegger nos deparamos com a questão da linguagem que, segundo o citado filósofo, se encontra diante da impossibilidade humana de descobrir um espaço teórico que a determine como objeto do conhecimento. Em *Carta sobre o humanismo*, Heidegger denomina a linguagem de “casa do ser”.

Alguns anos antes em *Ser e tempo*, em sua busca pelo sentido do ser, Heidegger nos traz as estruturas ontológicas na análise do Dasein, uma dessas estruturas é a fala que, segundo ele é o fundamento ontológico-existencial da linguagem. Em uma perspectiva existencial a fala se funda na disposição e no compreender. É a fala a conexão do entendimento e o que alicerça a compreensão e proposição. Heidegger denomina totalidade significativa aquilo que se constitui na conexão da fala podendo essa ser fragmentada em significações surgindo dessa forma a palavra. Os significados para Heidegger produzem as palavras, mas as palavras não são coisas providas de significados.

Os filósofos tem se ocupado em solucionar a questão entre linguagem e pensamento. Será o pensamento possibilitado pela linguagem ou será a linguagem definida em sua constituição pelo pensamento?

Ao ser afastada da indicação de instrumento de entendimento estático, aquele que só permite ao homem demonstrar sua compreensão, sentimento ou pensamento, sem com isso intervir no mundo, a linguagem passou a ser vista como formadora, e a sua prática como o que fundamenta a possibilidade de todo conhecimento. Em 1927 em *Ser e tempo*, Heidegger faz uma abordagem sobre a linguagem onde aponta a fala como fundamento-ontológico dessa linguagem manifestada na fala, um ente intramundano que apresenta particularidades de ser “mundano” percebidas como algo a mão.

De forma existencial a fala é linguagem pois o ente em que há um encadeamento dos significados em sua abertura, apresenta o modo de ser-no- mundo, de ser transmitido a um mundo. Os esforços para se alcançar a “essência da linguagem” sempre foram guiados pela compreensão da linguagem a partir da ideia de “expressão”, “forma simbólica”, como

comunicação a partir do “enunciado”, “anuncio de vivências” ou “configurações” da vida. Heidegger em *Ser e tempo* ocupou-se em apontar o “lugar” ontológico da linguagem na estruturação de ser do Dasein. O ano de 1930 é considerado o ano da viragem de pensamento (kehre) de Martin Heidegger, viragem em que se estabelece um novo conceito de verdade em que o termo “sentido do ser” é convertido em “verdade do ser”.

Em *A caminho da linguagem* de 1959, Heidegger realiza uma mudança na forma de se pensar a linguagem em uma tentativa de minimizar o abismo que se coloca quando se pensa na relação pensamento-linguagem, esta que se coloca entorno do humano, por essa razão no momento em que o homem pensa aquilo que está ao seu redor esbarra na linguagem, o que o leva a defini-la a partir da compreensão daquilo que se apresenta por meio desta.

É intenção do pensamento preparar um entendimento universal da linguagem, o que para Heidegger significaria oferecer uma ideia da essência da linguagem, e o que se pretende a partir da conferência *A linguagem* é tirar a linguagem do âmbito dos conceitos, o que se objetiva é levar o homem à uma experiência com a linguagem. A partir da kehre, Heidegger passa a buscar a verdade do ser, sendo a linguagem a casa do ser, a verdade da linguagem passará a ser indagada.

O problema da linguagem tem originado mudanças significativas na filosofia contemporânea. Gianni Vattimo (1936), em *Introdução a Heidegger* (1996), afirma que, segundo Heidegger, a abertura do mundo acontece de forma fundamental na linguagem, a linguagem aqui é evidenciada como o que promove a mudança do ser. Mikhail Mikhailovich Bakhtin (1895-1975), filósofo russo busca conhecer a prática da linguagem humana, tomado como instrumento real e material a linguagem em sociedade.

Os existenciais que formam a linguagem como compreender e interpretação, enunciado e fala, são elaborados por Heidegger de forma que estes possam ser vistos na cotidianidade. O desejo de Heidegger é oferecer um caminho que ocasione um direcionamento para a linguagem, isso só será possível na prática do caminho para a linguagem, nos eventos que se apresentam nesse caminho e desvendam suas particularidades. O afastamento da linguagem de seus princípios, e porque não dizer, sua destruição, segundo Heidegger, tem sido causada pela metafísica moderna da subjetividade, dessa forma, a linguagem deixa de mostrar-se para nós como a casa do ser. A metafísica da subjetividade é a metafísica dos dias atuais, o pensamento que justifica a ciência e a técnica que se firma no

sujeito e que estabelece a relação sujeito/objeto. Teremos a união da metafísica da subjetividade com o humanismo, união em que o sujeito será o homem que passará a manipular tudo, inclusive o próprio homem que se tornará um objeto a ser manipulado pelo homem. Na metafísica da subjetividade tudo se coisifica. Nós escapamos da metafísica da subjetividade ouvindo aquilo que a linguagem nos diz acerca do que surgiu a partir dos fenômenos, ao passarmos a ouvir a linguagem ela mesma faremos experiências originárias, o que nos levará da metafísica à uma ontologia.

Dessa forma, pretendemos mostrar com o nosso trabalho que a conexão entre linguagem e educação tem despertado um grande interesse no âmbito da pesquisa, interesse fundamentado no desejo de harmonizar os elementos de compreensão de como acontece a constituição e a atividade da linguagem na educação. Apresentando também a possibilidade da relação entre pressupostos do filósofo Martin Heidegger como cura, cuidado e também a linguagem, pensada pelo citado filósofo como a casa do ser, o ser que é questão primordial em sua obra, e a educação, mesmo não sendo Heidegger um estudioso da educação.

Para tanto, foram feitas leituras de obras de Heidegger como *Ser e tempo* (1927), *A caminho da linguagem* (1959), como também de *Heidegger e a Educação* (2008) do professor Roberto S. Kahlmeyer-Mertens, entre outras.

Esperamos dessa forma atingir o objetivo proposto em nosso trabalho, que é participar do debate sobre temas tão atuais como linguagem e educação, temas que permitem a concatenação das mais variadas áreas do conhecimento.

## 1. PERSPECTIVAS ACERCA DA LINGUAGEM

Neste primeiro capítulo demonstraremos algumas concepções acerca da linguagem tomando para tanto como ponto de partida o pensamento de Martin Heidegger, filósofo que coloca como obstáculo para que se pense a linguagem a incapacidade do homem de descobrir um afastamento teórico que a estabeleça como um objeto para um sujeito de conhecimento.

A partir dos antigos, a filosofia tem se colocado como procura perseverante pela realidade autêntica. As proposições filosóficas constituídas por pensamento, linguagem e realidade vem de longa data. Os filósofos tem se ocupado em solucionar a questão entre linguagem e pensamento. Será o pensamento possibilitado pela linguagem ou será a linguagem definida em sua constituição pelo pensamento?

Ao ser afastada da indicação de instrumento de entendimento estático, aquele que só permite ao homem demonstrar sua compreensão, sentimento ou pensamento, sem com isso intervir no mundo, a linguagem passou a ser vista como formadora, e a sua prática como o que fundamenta a possibilidade de todo conhecimento.

Em sua obra escrita em 1959 *A caminho da linguagem*, Martin Heidegger promove uma mudança na forma remota, em que se pensava a linguagem como razão abrindo-se assim um abismo ao se colocar em questão o relacionamento entre pensamento e linguagem. A questão da linguagem é tratada por Heidegger anos antes em sua obra *Ser e tempo* (1927), em que a fala é designada como o fundamento ontológico-existencial da linguagem. É a fala quem estabelece a compreensibilidade e fundamento da interpretação e enunciado.

A questão da linguagem tem gerado grandes mudanças na filosofia contemporânea, nas suas diferentes escolas. A linguagem é estabelecida como um elemento de formação do mundo. Gianni Vattimo (1936), filósofo e político italiano, um dos expoentes do pós modernismo europeu, em *Introdução a Heidegger* (1996), nos traz a abertura do mundo que segundo Heidegger acontece de forma fundamental na linguagem, a linguagem como o que promove a mudança do ser.

Evilázio Francisco Borges Teixeira, professor de Teologia e Filosofia, em sua obra “A fragilidade da razão- pensiero debole e niilismo hermenêutico em Gianni Vattimo”, menciona a relevância da linguagem como o que nos dá a oportunidade da possibilidade de experienciar as coisas, pois é por meio da linguagem que legitimamos as coisas. Segundo

Evilázio, Vattimo segue os passos de Heidegger ao se reportar a urgência por uma apreciação da questão do ser. Em Vattimo não é só a falta de harmonia entre as palavras que não permite a compreensão do sentido do ser, o que se precisa fazer para que se entenda o sentido do ser é uma reflexão sobre a linguagem como o ponto em que o ser acontece tornando possível dessa forma o movimento do ser.

Não se trata apenas de uma inadequação das palavras que não dão conta de penetrar no sentido do ser e, portanto, a necessidade de uma gramática à altura de fazer frente a irrupção do ser. Trata-se, sobretudo, de meditar sobre a linguagem como lugar do evento do ser fazendo-se movimento do ser. (VATTIMO, 2005 apud TEIXEIRA, 2005, p. 102).

Segundo Silvia Faustino Saes, Jacques Derrida, filósofo de nacionalidade Franco-argelina que também sofreu influência de Martin Heidegger admite ser a linguagem o meio natural de seu exercício filosófico. Para Derrida tudo começa no signo, a compreensão da linguagem é ampliada com mais rapidez no tempo e espaço por meio da palavra escrita, o que possibilita a exposição do pensamento de uma pessoa mesmo após sua morte.

Derrida não comunga da ideia de que se alcance a verdade por meio da essência das coisas, entrando dessa forma em discordância com a fenomenologia, em sua concepção a filosofia deve focar na linguagem que se faz uso e não em uma busca pelas coisas. Ferdinand de Saussure (1857- 1913), filósofo e linguista suíço que também influenciou o pensamento de Derrida estabelece a linguagem como sendo um processo instituído entre vários elementos diferentes.

Paulo Petronilio, nos apresenta a concepção de Gilles Deleuze (1925-1995), filósofo francês, onde a linguagem é concebida como algo inerente a vida. É a linguagem que está sempre remetendo o pensamento ao infinito. É a linguagem o agente de transformação dos povos na sociedade, que tem a necessidade de estabelecer uma comunicação entre si.

Mikhail Mikhailovich Bakhtin (1895-1975), filósofo, pensador russo e pesquisador da linguagem humana tem por objetivo conhecer a prática da linguagem humana, para tanto toma como instrumento real e material a linguagem em sociedade. Em Bakhtin o enunciado é algo nunca repetido, que se realiza dentro da história e que fundamenta o conceito de linguagem.

Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com utilização da língua. Não é de surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam variadas como as próprias esferas da atividade humana, o que não contradiz a unidade nacional de uma língua. A utilização da língua efetua-se em formas de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. (BAKHTIN, 1997, p. 279).

Eni de Lourdes Puccinelli Orlandi, responsável pela introdução da análise do discurso no Brasil nos apresenta o homem como aquele que busca a supremacia no âmbito em que habita, isso justifica o empenho desse homem para explicar todas as coisas, um dos meios utilizados para tal supremacia é o conhecimento.

A linguagem é um dos objetos do conhecimento do homem, que busca por uma elucidação acerca da linguagem que lhe é própria, e que é um elemento necessário em seu mundo e convívio com outros homens. “Não faltam lendas, mitos, contos, rituais, histórias e até polêmicas muito antigas que revelam a curiosidade do homem pela linguagem”. (ORLANDI, 2009, p. 8). São muitos os acontecimentos que mostram a importância que homens de variadas épocas dispensaram à linguagem.

## 2. EXISTENCIAIS QUE ESTRUTURAM A LINGUAGEM

Neste segundo capítulo veremos como Heidegger elabora os existenciais que estruturam a linguagem de forma objetiva, de maneira que esses sejam vistos em seu modo de ser na cotidianidade.

### 2.1 Compreender e interpretação

Em *Ser e tempo*, Heidegger vem nos apresentar o compreender (*Verstehen*) como a região em que o Dasein impulsiona seu ser para as possibilidades. O lançar-se característico do compreender apresenta uma perspectiva de ser realizado em formas é o que Heidegger denomina de interpretação. A interpretação (*auslegung*) é constituída existencialmente no compreender fazendo esse compreender ser ele mesmo. “Interpretar não é tomar conhecimento do que se compreendeu, mas elaborar as possibilidades projetadas no compreender”. (HEIDEGGER, 2012 a, p. 209). A relevância estabelecida no compreender de mundo faz com que o ser da ocupação com o manual compreenda qualquer situação que lhe venha ao encontro, o está à mão é manifestado de forma explícita no compreender.

O que é compreendido de forma transparente, segundo Heidegger em uma mutualidade na circunvisão, que é uma visão em conjunto que engloba o que em Aristóteles seriam as quatro causas, material, formal, eficiente e final, apresenta a condição de algo como algo. A interpretação não é um compreender de um elemento de forma introdutória, a interpretação de uma coisa como tal é constituída em uma posição prévia, visão prévia e concepção prévia.

Essas expressões mostram que a interpretação se encontra em uma esfera que a libera à sua pronúncia, expressões que são peculiares da filosofia de Heidegger, de acordo com a tradução de *Ser e tempo* para o Brasil por Marcia de Sá Cavalcante, segundo Nadja Hermann, que apresenta em *Hermenêutica e Educação* (2002) o aporte de Heidegger para a questão da interpretação e compreensão.

Hermann apresenta Heidegger como aquele que ao fazer uso da analítica existencial traz uma colaboração positiva para a formação circular da compreensão mostrando ser essa a forma acertada do compreender pertinente ao ser-no-mundo vencendo assim a dicotomia

sujeito objeto. Uma compreensão prévia em Heidegger segundo Hermann, sempre levará de volta ao círculo hermenêutico ontológico-histórico possibilitando dessa forma uma interpretação de mundo.

Assim, a compreensão é menos um conhecimento do que um inserir-se no mundo. É um modo de ser pelo qual nos situamos no mundo e nele vivemos tão intensamente que ele permanece atemático para nós. Nossa compreensão se orienta por esboços ainda não expressos, que incorporam possibilidades de nosso poder-ser, isto é, que podem concretizar este ou aquele modo de entender, e não outro. (HERMANN, 2002, p.37).

Quando o compreender se desenvolve, segundo Heidegger, acontece a abertura do ente para suas possibilidades, essas possibilidades sempre condizem com a condição do ente que foi compreendido. O círculo do compreender está vinculado à elaboração do sentido que se fundamenta na formação existencial do Dasein como compreender que faz uso da interpretação. Ao realizarmos uma interpretação textual exata, que nos satisfaça e nos dê apoio no que traz o texto de imediato estaremos diante de uma opinião prévia, que para o interprete aparentemente é indubitável. “Em todo princípio de interpretação, ela se apresenta como sendo aquilo que a interpretação necessariamente já ‘põe’, ou seja, que é preliminarmente dado na posição prévia, visão prévia e concepção prévia”. (HEIDEGGER, 2012, p. 212). A interpretação é constituída no compreender. O sentido para Heidegger é onde acontece a organização dos conceitos “pela posição prévia, visão prévia e concepção prévia”, é o sentido que possibilita o encadeamento que resulta na interpretação, esse encadeamento já se mostra como possibilidade no compreender.

Hans-Georg Gadamer, filósofo alemão e uma das maiores celebridades na hermenêutica filosófica, coloca a linguagem na posição de instrumento universal, em que se dá a compreensão por meio da interpretação. “Todo compreender é interpretar, e todo interpretar se desenvolve no médium de uma linguagem que pretende deixar falar o objeto e é, ao mesmo tempo, a linguagem própria de seu intérprete”. (GADAMER, 1997, p. 566/567).

Para Gadamer, pensar e falar que se relacionam em uma intimidade misteriosa, ocupam lugar de eventos específicos no fenômeno hermenêutico, essa intimidade misteriosa leva a linguagem a refugiar-se no pensamento.

O compreender traz em seu interior a composição do enunciado, o enunciado apresenta-se como uma atividade que se dá a partir da interpretação sendo dessa forma em sua composição um sentido.

## 2.2 Enunciado

No enunciado segundo Heidegger será possível apresentar as modificações ocorridas na composição “como”, que fundamenta o compreender e a interpretação. O estudo do enunciado pode estabelecer um acesso ao ente e a elucidação do ser desse ente. O enunciado é uma forma de assenhoreamento da descoberta e uma forma de ser-no-mundo, constituído na abertura do Dasein. O enunciado tem seu lugar na verdade, e é esta a possibilidade ontológica de verdade ou falsidade de um enunciado. Heidegger faz referência a três sentidos considerados pela palavra enunciado compreendidos no fenômeno que essa palavra denomina e que em união determinam a essência do enunciado.

Em primeiro lugar o enunciado sinaliza uma demonstração, que em Heidegger é uma referência a uma apresentação fenomenológica, “um mostrar-se por si e a partir de si mesmo”; em segundo lugar o enunciado denota predicação, o segundo sentido é estabelecido no primeiro, onde o sujeito e predicado mostram-se a partir de si mesmo e por si mesmo; no terceiro sentido o enunciado representa comunicação, declaração estando dessa forma concatenado com os sentidos anteriores.

O enunciado como comunicação é um deixar ver o que se mostra a partir de si mesmo e por si mesmo simultaneamente de uma forma específica. Esse deixar ver simultâneo revela e compartilha o ente que é desvelado e que se fundamenta em si mesmo e por si mesmo em sua especificidade.

O que se ‘comunica e partilha com’ é o ser para o que se mostra por si mesmo e a partir de si mesmo numa visão comum. Deve-se preservar este ser como ser-no-mundo, a saber, no mundo em que e a partir do qual o que aí se mostra por e a partir de si mesmo vem ao encontro. A necessidade de pronunciar-se pertence ao enunciado, entendido como comunicação ou um partilhar-com existencial. (HEIDEGGER, 2012, p. 217).

Na qualidade de comunicado, o enunciado pode se tornar algo comum ou não entre os que proferem o enunciado e os demais, o ente trazido no enunciado não precisa ser tocado ou visto para que seja revelado. Segundo Heidegger, quando os três significados de enunciado entram em harmonia na interpretação desse fenômeno, se terá a designação do enunciado como um mostrar a partir de si mesmo e por si mesmo que determina a comunicação. “O enunciado não paira no ar, desligado e solto a ponto de poder por si mesmo abrir pela primeira vez o ente como tal; mas já se detém no mundo. O que antes se esclareceu a respeito do mundo vale para o enunciado”. (HEIDEGGER, 2012, p. 218/219). O mostrar-se do

enunciado é fundamentado naquilo que se estabelece no compreender e é verificado na circunvisão.

### 2.3 A fala

. O quinto capítulo de *Ser e tempo* traz uma análise acerca da fala. A finalidade da fala é mostrar a estrutura unitária e originária do Dasein que estabelece de forma ontológica as possibilidades e modos de ser que não são adequadas a uma antropologia filosófica.

A fala é inerente à existência do Dasein, e não de uma ação habilitada para sua manifestação, não podendo ser considerada propriedade humana para expressões linguísticas. Falar é pronunciar de forma clara a compreensão do ser-no-mundo, não é uma simples comunicação, uma troca de experiência, mas difundir sentidos com os outros. A comunicação se constitui na fala, é ela que efetiva a organização da objetividade e compreensão do ser-com o outro, a fala tem a especificidade do dizer.

A ligação de toda compreensibilidade acontece na fala, toda interpretação e enunciado é alicerçado na fala. A disposição e o compreender são existenciais essenciais na composição da abertura do ser-no-mundo. A viabilidade de interpretação é retida pelo próprio compreender acontecendo dessa forma um tomar posse do que é compreendido. A linguagem enquanto fenômeno é estabelecida na composição existencial da abertura da presença. A fala segundo Heidegger é “o fundamento ontológico-existencial da linguagem”. A fala é um fenômeno que usamos com frequência quando analisamos o compreender, a interpretação e o enunciado.

A percepção do ser-no-mundo que é aplicada por meio de uma disposição é definida como fala, é na totalidade dessa percepção que a palavra é apresentada. “Dos significados brotam palavras. As palavras não são dotadas de significados”. (HEIDEGGER, 2012, p. 224). É na linguagem que segundo Heidegger a fala se manifesta. A fala é um conjunto de palavras que possui o modo de ser de um ente intramundano e que apresenta um ser mundano característico, que é percebido no modo de algo a mão. Consequentemente a linguagem é fragmentada em coisas-palavras simplesmente dadas.

No modo existencial a fala se apresenta como linguagem devido à abertura que se concatena em interpretações manifestadas em um ente que apresenta o modo de ser-no-mundo. A escuta e o silêncio são atribuições específicas da linguagem falada, são esses

fenômenos que explicitam a atividade peculiar da fala na existência. A linguagem é manifestada no Dasein, e exerce uma ação transformadora quando dela fazemos uso por meio da fala. Como ser-no mundo em conexão de entendimento com os outros, o Dasein observa na escuta a coexistência e a si próprio como concernente a essa observação. O ser-com se estrutura no escutar mútuo de um com o outro.

Em sua preleção “A essência da linguagem” (1957/1958), Heidegger intenciona nos apresentar a possibilidade de estabelecermos uma prática da linguagem, não uma prática em que se produza algo, mas sim uma prática em que recebamos algo que nos é confrontado e que entremos em uma afinação com esse algo. Essa prática da linguagem pode promover em nós modificações, acontecidas de forma rápida ou um pouco mais demoradas. É por meio da linguagem que passamos à um conhecimento de mundo. Cabe à escola possibilitar o encontro entre o aluno e a linguagem, satisfazendo assim as necessidades da sociedade que se encontra em transformação contínua. Nós falamos a linguagem e mesmo diante dessa proximidade com a linguagem, não conseguimos estabelecer com essa uma relação clara.

### 3. A LINGUAGEM

Neste terceiro capítulo do nosso trabalho apresentaremos o desejo de Heidegger de oferecer um caminho que ocasione o encaminhamento para a linguagem. Para Heidegger é na prática do caminho para a linguagem, nos eventos que se apresentam nesse caminho, que entramos em sintonia com a linguagem desvendando assim suas particularidades.

#### 3.1 Linguagem como linguagem para a linguagem

É pretensão de Heidegger oferecer “a linguagem como linguagem para a linguagem” (HEIDEGGER, 2012 b, p.192), para servir de guia no caminho a ser percorrido para a linguagem. “O propósito de um caminho para a linguagem está emaranhado num modo de dizer que pretende justamente liberar-se da linguagem para representa-la como linguagem e assim exprimir o que assim se representa. Isso testemunha imediatamente que a própria linguagem já nos trançou num dizer”. (HEIDEGGER, 2012 b, p. 192).

Em sua obra “Da interpretação” (ARISTÓTELES, 2013), Aristóteles nos traz os sons como sendo o que por um lado é atributo que se estrutura na alma, e por outro lado esses atributos como sons da voz ao serem escritos. “O texto de Aristóteles se mantém numa fala esclarecida e sóbria, que torna visível a clássica estruturação que abriga a linguagem como fala. As letras do alfabeto mostram os fonemas. Os fonemas mostram as disposições da alma. As disposições da alma mostram as coisas que lhes con-cernem. (HEIDEGGER b, 2012, p. 195).

Esse mostrar caracteriza aquilo que conserva tal elaboração, encaminhando alguma coisa ao aparecer, compreendendo o aparecido e abrindo dessa forma a possibilidade de se argumentar sobre o que se aprende. A relação estabelecida entre o mostrar e o que se mostra converte-se em relação entre um signo e o que se assinala a partir dele. O signo é descoberto na Grécia Clássica tendo como base o mostrar. Durante o helenismo o signo aparece mediante indicação de instrumento para dar um título a uma coisa, onde outro princípio estabelece a ideia de objeto. O signo sai da posição de um mostrar para um designar, sobre essa mudança de posição encontra-se a essência da verdade.

Hugo de São Vitor (1096-1141), filósofo alemão, teólogo, cardeal e autor místico da Idade Média, em sua obra *Didascálicon – Da arte de ler*, no capítulo 8 intitulado, *A ordem na*

*leitura*, nos apresenta os três níveis existentes na apresentação de um texto: a frase; o sentido e o pensamento.

A frase é a organização apropriada das palavras que chamamos também construção da frase. O sentido é o significado fácil e acessível que a frase apresenta à primeira vista. O pensamento é um entendimento mais profundo que não se descobre senão pela exposição ou pela interpretação. Aqui a ordem consiste em inquirir primeiro a frase, depois o sentido, depois o pensamento. Isto feito, a exposição é perfeita. (DE SÃO VITOR, 2001, p.149).

Ao analisarmos o sentido da linguagem como linguagem devemos nos afastar das condutas adotadas até então, na concepção sobre a linguagem, concepção essa que compreende a linguagem como energia, atividade, trabalho ou força do espírito entre outras, que acabaram por nos levar a favorecer a linguagem como uma ocorrência particular de um certo universal.

Para Heidegger, ao descrevermos a linguagem como isso ou aquilo estaremos promovendo um distanciamento da linguagem, por isso devemos tomar conhecimento da linguagem como linguagem.

Quando a essência da linguagem é posta em questão, recorre-se a uma ideia de linguagem e não a linguagem em si. “Quando, porém, se atenta à linguagem como a linguagem, a linguagem nos obriga a trazer, para a linguagem como linguagem, o que pertence à linguagem”. (HEIDEGGER, 2012, p. 199). O dizer se mostra quando ouvimos esse dizer, e é nesse ouvir que entendemos o que é falado pela linguagem. A linguagem se refugia no caminho em que, o deixar ver e ouvir do dizer permite aos que contemplam alcançá-la. Essa só será contemplada pelos que se harmonizam com o dizer e o seu mostrar.

Em seu mostrar, o dizer une de forma harmônica o que é criado a partir desse mostrar, que pode ser um mostrar composto permitindo dessa forma, que o que se mostra permaneça em si mesmo. “A força que movimenta a saga de mostrar do dizer é o tornar próprio”. (HEIDEGGER, 2012, p. 206). Esse tornar próprio determinado por aquele que movimenta o mostrar do dizer, é denominado por Heidegger como apropriar. “Tornar próprio trazendo cada um, apropriar, é mais propiciador do que qualquer efetivar, fazer e fundamentar. O que se apropria é o acontecimento apropriador ele mesmo – e nada além disso”. (HEIDEGGER,

2012, p. 207). O acontecimento apropriador,<sup>1</sup> compreendido naquilo que se deixa ver e ouvir por meio do dizer, não é interpretado como técnica ou eventualidade, e só pode ser conhecido no mostrar do dizer, como aquilo que pode oferecer algum auxílio. O acontecimento apropriador é uma autoridade segundo Heidegger, pois é ele quem harmoniza e conserva essa harmonia do homem no apreender de sua existência. “A fim de vislumbrar essa conjuntura no todo de sua abrangência, é preciso pensar em toda a sua envergadura, a essência dos mortais e, antes de mais nada, pensar o acontecimento apropriador como tal”. (HEIDEGGER, 2012, p. 208). O caminho para a linguagem está vinculado ao mostrar do dizer, que é determinado segundo o acontecimento apropriador. No en-caminhamento que, segundo Heidegger, é o descerrar de um caminho, a atividade da linguagem é produzida como linguagem, naquilo que o dizer, deixa ver e ouvir, para a linguagem expressa.

Retornando a obra de Martin Heidegger *A caminho da linguagem*, observamos a colocação do filósofo quanto a experiência com a linguagem ser algo vultoso para o homem da atualidade.

Nós mantemos uma relação com a linguagem mesmo que essa relação seja imprecisa. Estabelecer uma experiência com a linguagem não é a mesma coisa que conhecer a linguagem. A compreensão acerca da linguagem é conferida segundo Heidegger, de forma limitada “pela ciência da linguagem, pela linguística e pela filologia das diferentes línguas e linguagens, pela psicologia e pela filosofia da linguagem”. (HEIDEGGER, 2012 b, p. 122).

O objeto da língua analisado com maior interesse pela ciência e pela filosofia nos dias atuais é a elaboração da metalinguagem (ocupação da linguagem própria de textos que se referem a própria linguagem utilizada). Essa metalinguagem é entendida na filosofia científica como metalinguística e isso para Heidegger não apenas condiz com a metafísica, isso é a própria metafísica. “Metalinguística é a metafísica da contínua tecnicização de todas as línguas, com vista a torná-las um mero instrumento de informação capaz de funcionar interplanetariamente, ou seja, globalmente.” (HEIDEGGER, 2012 b, p. 122). Não é intenção de Heidegger com essa afirmação depreciar os estudos científicos e filosóficos das línguas e da linguagem e sim apresentar a diferença existente entre os conhecimentos científicos e

---

<sup>1</sup> A expressão “acontecimento apropriador” (Ereignis) é aqui definida como “o que aqui se está a pensar”.

filosóficos acerca da linguagem e a nossa experiência com a linguagem, essa experiência segundo Heidegger pode ser realizada através de caminhos já existentes, mas raramente trilhados com um intuito de uma experiência com a linguagem que chegue até a linguagem. Para Heidegger nos enganamos ao pensar que quando falamos estamos trazendo a linguagem para a linguagem, quando falamos estamos apenas a falar uma língua, a ação da fala é realizada em relação a alguma coisa, a língua em si não vem a linguagem em uma fala que acontece na cotidianidade, a linguagem mantém-se preservada nessa fala cotidiana.

A linguagem como linguagem para Heidegger acontece quando não encontramos uma palavra que possa expressar o que nos interessa ou o que nos causa algum tipo de violência ou felicidade. “Nesse momento ficamos sem dizer o que queríamos dizer e assim, sem nos darmos bem conta a própria linguagem nos toca, muito longe, por instantes e fugidamente, com o seu vigor”. (HEIDEGGER, 2012 b, p. 123). “A linguagem como linguagem para a linguagem” faz alusão a linguagem como fala, que é compreendida como uma ação própria do homem, nela os sons são ligados, sons que podem, segundo Heidegger, ser falados ou calados. Na fala a linguagem é manifestada pelo emprego dos órgãos que compõem essa fala: boca, lábios, língua, garganta, e até mesmo pelo ranger dos dentes; a linguagem como linguagem (linguagem metafísica). A linguagem como metafísica, se dá por meio de metáforas, para Heidegger esse tipo de linguagem não seria adequada na questão do ser por resultar no encobrimento do ser. Como exemplo de linguagem metafísica encontramos em *Um outro olhar* (1995), de Sonia Maria Ribeiro de Souza, a música *Metáfora* de Gilberto Gil, música que é apresentada como exemplo de linguagem metafórica. Vejamos a música:

Uma lata existe para conter algo,  
Mas quando o poeta diz lata  
Pode estar querendo dizer o incontível

Uma meta existe para ser um alvo,  
Mas quando o poeta diz meta  
Pode estar querendo dizer o inatingível

Por isso não se meta a exigir do poeta  
Que determine o conteúdo em sua lata  
Na lata do poeta tudo-nada cabe,  
Pois ao poeta cabe fazer  
Com que na lata venha a caber  
O incabível

Deixe a meta do poeta, não discuta,

Deixe a meta fora da disputa  
 Meta dentro e fora, lata absoluta  
 Deixe-a simplesmente metáfora

A citada música, segundo Sonia Ribeiro utiliza-se de um curioso movimento de palavras, o que torna explícita a argúcia e imprecisão que existe na forma como o ser humano se comunica; e a linguagem como pensamento (poesia). A poesia faz parte do conjunto de artes clássicas é uma arte que se utiliza da linguagem na materialização e transmissão dos sentimentos humanos, segundo Sonia Ribeiro. Essa transmissão e materialização é colocada em exposição pela citada autora por meio do poema de Ferreira Gullar *Traduzir-se* como veremos a seguir:

Uma parte de mim é todo mundo;  
 outra parte é ninguém:  
 fundo sem fundo.  
 Uma parte de mim  
 É multidão;  
 outra parte estranheza  
 e solidão.  
 Uma parte de mim pesa e pondera;  
 outra parte  
 delira.  
 Uma parte de mim  
 Almoça e janta;  
 outra parte  
 se espanta.  
 Uma parte de mim  
 é permanente;  
 outra parte  
 se sabe de repente.  
 Uma parte de mim  
 é só vertigem  
 outra parte,  
 linguagem.  
 Traduzir uma parte  
 na outra parte  
 - que é uma questão  
 de vida ou morte –  
 será arte?

A poesia em Heidegger é o advento do ser por meio da fala ou linguagem. Seria a poesia segundo Heidegger responsável pelo desvelamento do mundo, e isso se daria por meio da linguagem.

Em *Língua de tradição e língua técnica*, Heidegger argumenta sobre dois aspectos, o da prática da língua definida pela técnica, aprimorada por meio de esquemas de significados convencionais, e o da língua de tradição que é determinada pelo dizer em sua expressividade.

Heidegger nos apresenta a premência de nos apoiarmos nos preceitos da língua vigente, a língua natural, pois só a partir da língua natural teremos competência para afirmar o mundo mais uma vez.

“Língua da tradição e língua técnica”, não designa, pois, apenas oposição. Atrás do título da conferência esconde-se a alusão a um perigo a crescer constantemente e que ameaça o homem no mais íntimo da sua essência- a saber, na sua relação com a totalidade daquilo que foi, do que vai vir e que presentemente é. O que num primeiro momento se apresenta somente como uma diferença de dois gêneros de língua, afirma-se como um acontecimento que domina o homem e que não toca e não abala mais nada do que a relação do homem com o mundo. É um desmoronamento do mundo do qual o homem nota, contristado, os sobressaltos, porque é continuamente coberto pelas últimas informações. (HEIDEGGER, 1995, p.41).

Quanto mais a linguagem apresenta o que lhe é mais específico, maior será a importância do caminho para a linguagem. É percorrendo esse caminho que a linguagem deixa de ser uma incógnita e passa a estabelecer uma reflexão, em que nos seja permitido atentar para o que é específico da linguagem.

A linguagem enquanto conhecimento não é a linguagem em si é transmissão histórica da significação e da demarcação dos tempos atuais, que não estabelece o novo, só radicaliza o já existente e que há muito tempo está em evidência na modernidade.

Em *Carta sobre o humanismo*, de 1949, Heidegger expressa uma apreensão em relação ao esvaziamento da linguagem, que avança de forma rápida e que além de causar danos e um comprometimento estético e moral no uso da palavra, pode representar uma violência contra a essência do homem.

Na conferência proferida no ano de 1953, intitulada “A questão da técnica”, Heidegger apresenta a palavra com-posição (Ge-stell), como convite ao homem a explorar aquilo que se mostra disponível. A questão da técnica, segundo Heidegger, se ocupa com a elaboração de um caminho, caminho que é estrada do pensamento, uma estrada que se tem acesso por meio da linguagem.

Heidegger busca a essência da técnica por supor que só a partir dessa essência se poderá experimentar os limites daquilo que é técnico.

A ameaça, que pesa sobre o homem não vem, em primeiro lugar, das máquinas e equipamentos técnicos, cuja ação pode ser eventualmente mortífera. A ameaça, propriamente dita, já atingiu a essência do homem. O predomínio da composição arrasta consigo a possibilidade ameaçadora de se poder vetar ao homem voltar-se para um descobrimento mais originário e fazer assim a experiência de uma verdade mais inaugural. (HEIDEGGER, 2012 c, p. 30/31).

Para Heidegger a degradação da linguagem, bastante debatida nos dias atuais, mesmo que tardiamente acontece em decorrência de uma linguagem compreendida a partir da metafísica moderna da subjetividade<sup>2</sup>, que desvia a linguagem de seu fundamento e faz com que essa linguagem se negue para nós como a casa do ser. “A linguagem foi chamada de a ‘casa do ser’. Ela abriga o que é vigente à medida que o brilho do seu aparecer se mantém confiado ao mostrar apropriante do dizer. Casa do ser é a linguagem porque, como saga do dizer, ela é o modo do acontecimento apropriador”. (HEIDEGGER, 2012 b, p. 215).

Para que se considere uma atividade da linguagem que esteja em harmonia com o que é próprio da linguagem, segundo Heidegger é necessário que promovamos uma transformação na relação que estabelecemos com a linguagem.

---

<sup>2</sup>Heidegger, representa a ideia de metafísica como a figura de um pensamento dual que tem início com Platão. Nos tempos modernos a metafísica passa a ser uma filosofia do sujeito, dando início a uma discussão epistemológica, onde predomina a relação sujeito-objeto. A função do sujeito é evidenciar o objeto. Essa seria uma condição de dominação. Essa condição epistemológica que é a “metafísica da subjetividade” ou moderna se conecta ao humanismo. Paulo Ghiraldelli. *Professor Virtual*, <http://professorvirtual.blogspot.com.br/2005/11/sobre-heidegger-e-metafsica.html>. (Acesso em 02/07/2016).

#### 4. HEIDEGGER E A EDUCAÇÃO

No quarto capítulo do nosso trabalho apresentaremos o pensamento de Heidegger em concatenação com a educação, mesmo não sendo o citado filósofo um estudioso da educação.

Roberto Saraiva Kahlmeyer-Mertens, autor da obra “Heidegger e a Educação” (2008), nos apresenta Heidegger como um dos pensadores envolvidos com a atividade docente, mesmo não sendo teórico da educação.

Em sua atividade educativa Heidegger teve atenção de escrever textos que pudessem ser lidos de forma posterior por seus alunos, demonstrando sempre o cuidado de ajustar sua técnica aos modos de seus alunos. Embora filósofo e não pedagogo, Heidegger favoreceu com um grande aporte as ciências humanas e a educação com sua investigação acerca do sentido do ser e existência do homem.

Segundo Kahlmeyer-Mertens as ideias de Heidegger trouxeram mudanças ao pensamento ocidental, uma nova compreensão da razão, sujeito, indivíduo, existência entre outros. Ideias que podem ser constatadas nas mudanças ocorridas na educação tradicional, e segundo Kahlmeyer-Mertens encontradas no que Demerval Saviani (1985) denominou de “Concepção humanista moderna da filosofia da educação” estruturada na existência, onde o indivíduo deixa o lugar de espectador para atuar no mundo.

Atualmente alguns educadores buscam rever suas posições pedagógicas à luz da fenomenologia e do existencialismo (Husserl, Merleau-Ponty, Heidegger). [...] registrei de modo explícito essa diferença matriz ao afirmar que a referida concepção admite a existência de formas descontínuas da educação [...] na medida em que, em vez de considerar a educação como um processo continuado, obedecendo a esquemas predefinidos, seguindo uma ordem lógica, considera-se que a educação segue o ritmo vital que é variado, determinado pelas diferenças existenciais ao nível dos indivíduos; admite idas e vindas com predominância do psicológico sobre o lógico; num segundo sentido (mais restrito e especificamente existencialista), na medida em que os momentos verdadeiramente educativos são considerados raros, passageiros, instantâneos [...] Acontecem independentemente da vontade ou da preparação. Tudo ao que se pode fazer é estar predisposto e atento a esta possibilidade. (SAVIANI, 1995 apud KAHLMEYER-MERTENS, 2008, p. 72)

Kahlmeyer-Mertens faz uma análise do pensamento de Heidegger em relação ao aprender/ensinar designando em uma perspectiva filosófica sua contribuição na história da filosofia da educação.

A obra “Heidegger e a educação” (2008), se debruça sobre a compreensão de ensino e aprendizagem a partir da interpretação de Heidegger acerca do conceito grego de *mathemata*, que encontramos em sua obra “O que é uma coisa” (1962).

O matemático, segundo origem etimológica, resulta do grego *ta' matémata*, o que se pode aprender e, ao mesmo tempo, em consequência, o que se pode ensinar; *manthánein* significa aprender. *Máthesis* significa lição e, na verdade, num duplo sentido: lição no sentido de “ir a uma lição e aprender” e lição como “aquilo que é ensinado”. Ensinar e aprender são aqui tomados num sentido lato e, ao mesmo tempo, essencial, não no sentido restrito tardio, utilizado na escola e pelos doutos. (HEIDEGGER, 1987, p.76).

Para Heidegger os números são sempre pensados como instrumentos do matemático, sustentando a indagação se essa ligação existe por ser o matemático uma coisa numérica ou o número uma coisa matemática. *Matesis* designa aprender, *matemata* designa aquilo que pode ser aprendido. O aprender segundo Heidegger é uma assimilação em que, a prática se transforma em instrumento dessa assimilação é o que segundo Heidegger, denominamos exercício. “O que aprendemos através do exercício é apenas uma parcela limitada do que há para aprender numa coisa”. (HEIDEGGER, 1987, p. 79).

O aprender originário para Heidegger é a conquista do conhecimento do que é a coisa<sup>3</sup>, essa é para Heidegger a essência do conhecer. “Este verdadeiro aprender é, por consequência, um tomar muito peculiar, um tomar no qual aquele que toma, toma, no fundo, aquilo que já tem”. (HEIDEGGER, 1987, p. 79). O aprender é igualado por Heidegger ao ensinar, que configura em uma prescrição para que o aluno possa alcançar o que já lhe é próprio. Ensinar é permitir que o outro aprenda é uma reciprocidade à aprendizagem.

Aprender é mais difícil do que ensinar; assim, somente quem pode aprender verdadeiramente – e somente na medida em que tal consegue – pode verdadeiramente ensinar. O verdadeiro professor diferencia-se do aluno somente porque pode aprender melhor e quer aprender mais autenticamente. Em todo ensinar é o professor quem mais aprende. (HEIDEGGER, 1987, p. 79/80).

O aprender mais difícil segundo Heidegger corresponde a um conhecer daquilo que sempre nos foi conhecido. Aprender de maneira sistemática para Heidegger é não considerar o objeto da aprendizagem imediatamente como nosso, e sim conhecer o objeto da aprendizagem de forma empírica, por meio do exercício.

---

<sup>3</sup> Coisa em Heidegger pode ser concebida de duas formas, uma limitada que se refere ao que está acessível, ao que é concreto e outra ampla, que se refere às questões e acontecimentos do mundo.

É na prática que acontece a relação com o objeto da aprendizagem acentuando dessa forma, a especificidade de ser prático do aprender como uma das definições da matemática, atividade que leva aquele que aprende a aprender a aprender. A partir dessa ideia Heidegger marca presença na educação.

Kahlmeyer-Mertens apresenta Heidegger como aquele que estabelece o aprender/ensinar como um evento que acontece a partir do encadeamento das *mathematas* (aquilo que se pode aprender) apropriadas na constituição “de uma identidade entre quem aprende e o que é aprendido”.

Em sua investigação sobre a existência Heidegger considera o Dasein uma em aberto, que é lapidada em seu desenvolvimento sucessivo, o que admite atestar que a essência do homem se encontra em seu existir e é, portanto, um cuidar por ser e permanecer sendo de forma autêntica, segundo Kahlmeyer-Mertens, que aponta o cuidado como a base para uma educação para a singularidade, cuidado que para Heidegger é o que possibilita a determinação de limites ontológicos da existência do Dasein.

Dessa forma a pergunta pela existência se converte em pergunta pela essência do Dasein, essência que para Heidegger é instituída na ideia filosófica de cuidado (*Sorge*). Assim o cuidado passa a se destacar em diferentes áreas do conhecimento, isso inclui as que se empenham na reflexão acerca do homem e seu relacionar-se com o mundo e os outros. Cuidado é um modo do Dasein de extrema relevância em *Ser e tempo* de Martin Heidegger, conceito visto em determinado aspecto em filosofias anteriores, algumas delas antigas e medievais.

Com Heidegger, tal conceito expressa um traço essencial à existência, na medida em que o ser-aí se empenha a cada instante em cuidar de si mesmo, em um processo de apropriação de si próprio apontando o modo de ser do indivíduo, mediante o esforço constante de compreensão de seu ser e do ser das coisas em geral. (KAHLMAYER-MERTENS, 2008, p. 27).

A designação pedagogia do cuidado pode ser relacionada a várias áreas do conhecimento. A partir do século XIX o termo passa a ser encontrado no movimento Neo-Humanista Social, com a proposta de educação para pessoas com necessidades especiais embora que como terapia. O termo pedagogia do cuidado é encontrado também na compreensão das relações com o meio ambiente e as pessoas, como nos traz Hans Jonas (1903/1993), filósofo alemão que tem sua atividade voltada aos problemas éticos sociais

produzidos pela tecnologia. “Aja de modo a que os efeitos da tua ação sejam compatíveis com a permanência de uma autêntica vida humana sobre a terra”. (JONAS, 2006, P.47).

Podemos afirmar que a obra de Heidegger apresenta uma perspectiva ética, mesmo não sendo evidenciada, a ética aparece como resultado da compreensão de outras questões, inspirando assim teóricos como Hannah Arendt (1906-1975), Emmanuel Lévinas (1906-1995) e Hans Jonas (1903-1993) citado anteriormente, que se ocuparam com a questão da ética.

Em sua nova maneira de analisar o ser humano, Heidegger nos aponta um caminho para a possibilidade de um desdobramento ético.

Lá onde a essência do homem é pensada tão essencialmente, a saber, unicamente a partir da questão da verdade do ser, mas onde, contudo, o homem não foi levado para o centro do ente, deve realmente despertar a aspiração por uma orientação a partir da ex-istência para o ser, deve viver convenientemente ou de acordo com o destino. A aspiração por uma ética urge, com tanto mais pressa por uma realização, quanto mais a perplexidade manifesta do homem e, não menos, a oculta, se exacerbam para além de toda a medida. (HEIDEGGER, 2005, p. 50).

O homem segundo Heidegger, é aquele que em seu desejo pela realização de uma ética acaba por criar uma ética de obrigações. A ética da virtude, do dever, que segue uma tradição é rejeitada por Heidegger por fundamentar-se na metafísica que, o filósofo esforça-se para ultrapassar por entender ser o pensar metafísico responsável por encaminhar o ser humano para o não humano e a ética para a violência. O ser entendido como ente, como objeto tornou o homem uma coisa entre as coisas. A partir da relação entre ser e homem, segundo Heidegger nasce a oportunidade para se pensar de forma originária, trazendo dessa forma a possibilidade para uma nova ética.

Uma questão onde podemos encontrar traços da ética heideggeriana é a questão do cuidado que é abordada na obra *Ser e tempo* (2012), diante da análise do ser-no-mundo, termo que especifica modos do ser-ai. “Ser para o Dasein é ser no cuidado, ser cuidadosamente, ser no cuidado do ser”. (DUBOIS, 2004, p.43).

O mundo do Dasein, segundo Heidegger disponibiliza entes diferentes de instrumentos e coisas, entes que em sua forma de ser presença são e estão no mundo, entes que são copresenças, os outros. O mundo é presença e a preparação do encontro com os outros é

conduzida conforme essa presença. Os outros são aqueles que se encontram em nossa cotidianidade, e com os quais compartilhamos o mundo.

O encontro com os outros não se dá numa apreensão prévia em que um sujeito, de início já simplesmente dado, se distingue dos demais sujeitos, nem numa visão primeira de si onde então se estabelece o referencial da diferença. Eles vêm ao encontro a partir do mundo em que a presença de mantém, de modo essencial, empenhada em ocupações guiadas por uma circunvisão. (HEIDEGGER, 2012, p. 175).

O homem é compreendido por Heidegger como um ente de relação e reflexão consigo e com o mundo, e é a partir dessa relação entre o Dasein, as coisas e os outros que se dá o conhecimento.

O cuidado, segundo Kahlmeyer-Mertens é um problema filosófico abraçado pela contemporaneidade, cuidado que é estabelecido, segundo Heidegger, como um modo de ser no mundo. “Para Heidegger, gestos que expressem zelo, assistência, tutela ou responsabilidade por alguém (inclusive os que envolvem o tratamento de um enfermo ou a prática educativa) seriam preocupação em vista de uma relação de ser com o outro.” (KAHLMAYER-MERTENS, 2008. p. 29).

Heidegger reconhece uma ação que traduza responsabilidade para com o outro, onde se inclui também a questão da educação como sendo uma relação de ser com o outro. Muitas vezes porém, essa preocupação com o outro não é percebida pelo ser-no-mundo, por este centralizar sua atenção em suas ocupações do dia-a-dia, o que faz com que esse ser-no-mundo interprete tudo inclusive sua existência e a dos outros como coisas simplesmente dadas.

Nessa cotidianidade o Dasein adquire comportamentos que o autoriza a agir em concordância com o que se estabelece como correto no seu mundo, comungando dessa forma com o pensar e os costumes do grupo a que se deixa pertencer restringindo dessa forma a sua existência a uma mera ocupação de acomodação às regras de conduta.

A essa conformidade Heidegger dá o nome de impessoal e é nesse impessoal que o homem se vê desobrigado da função de escolha em seu agir, pois seus atos estariam respaldados nesse modo de existir em que pensamos nos comportamentos e nos educamos de acordo com a sociedade em que estamos inseridos.

No parágrafo 27 de *Ser e tempo*, segundo Heidegger, em uma perspectiva ontológica, a investigação prévia do ser-com traz consequências expressivas, pois constata-se que o “caráter de sujeito da própria presença dos outros” é definido de modo existencial, segundo modos de ser estabelecidos. “Nas ocupações com o mundo circundante, os outros nos vêm ao encontro naquilo que são. Eles são o que empreendem.” (HEIDEGGER, 2012 a, p. 183).

Nas ocupações com os outros, a favor ou contra os outros, segundo Heidegger, sempre será considerada uma diferença para com os outros, seja para que haja uma equiparação ou para submissão. “Embora sem o perceber, a convivência é inquietada pelo cuidado em estabelecer esse intervalo.” (HEIDEGGER, 2012 a, p. 183). O impessoal seria visto por Heidegger, segundo Kahlmeyer-Mertens, como a perda da personalidade.

Nesse contexto seria o impessoal responsável pela multiplicação de uma existência imprópria, aquela que não toma propriedade da singularidade de suas possibilidades de Dasein. Podemos comprovar esse fato na educação que tem se mostrado como um empreendimento onde se manipula as ações por meio de normas prescritas em uma concordância desconhecida.

Para Kahlmeyer-Mertens, uma filosofia que supõe a educação colocada na presença da reflexão acerca do cuidado retratado por Heidegger, reúne em si várias formas de ocupação, possibilitando assim uma relação docente/discente na qual a individualidade não seria anulada pela preocupação com o outro, não retirando do outro dessa forma a experiência da responsabilidade com sua própria existência.

Entre discente e docente é estabelecido um vínculo em que o docente empenha-se para que o discente se perceba livre para dar um significado a si mesmo. Dessa forma o que é estabelecido é ignorado em favor de uma consciência da existência como guia na estruturação da significação de cada indivíduo.

A educação pensada a partir da filosofia de Martin Heidegger nos proporciona uma abertura à possibilidade de nos despojarmos da imediatez cotidiana e sermos conduzidos a uma necessidade de optarmos por uma significação de nós mesmos. Seríamos dessa forma removidos do impessoal mostrando-nos como singulares.

Ser responsável por si mesmo é pertença do ser-no-mundo, segundo Heidegger, por este está lançado no mundo. O Dasein entrega-se a si mesma e se expõe de forma real e originária na angústia.

No Dasein, a angústia revela o ser para o poder-ser mais próprio, ou seja, o ser-livre para a liberdade de escolher e acolher a si mesma. A angústia arrasta a presença para o ser-livre para... (*propensio in...*), para a propriedade de seu ser enquanto possibilidade de ser aquilo que já sempre é. O Dasein como ser-no-mundo entrega-se, ao mesmo tempo, à responsabilidade desse ser. (HEIDEGGER, 2012, p. 254).

O existir para Heidegger é fático. A existencialidade é fundamentada pela facticidade. O ser-no-mundo é cura e por isso pode-se conceber de forma prévia segundo Heidegger, o ser junto ao manual como ocupação e o ser como copresença dos outros, nos encontros dentro do mundo como preocupação.

A abordagem sobre a relevância da educação no pensamento de Martin Heidegger consequentemente nos leva à sua elaboração das questões acerca do ser. A expressão ser-no-mundo possui características que podem ser encontradas também no Dasein e que se originam no cuidado.

#### 4.1 A cura e a educação

Uma das formas de se colocar o pensamento de Heidegger em conexão com a educação é a partir da cura, que em Heidegger é a constituição ontológica do Dasein, o ser da presença. Para Heidegger a presença é fática, contudo o filósofo procura compreender a harmonia que existe entre facticidade e existencialidade.

Sendo a cura a totalidade originária de seu fundamento esta é entendida em uma perspectiva existencial a priori, indicando dessa forma poder ser reconhecida em toda disposição fática, não apresentando assim uma primazia da prática em relação a teoria. “A determinação meramente contemplativa de algo simplesmente dado não tem menos o caráter da cura do que uma ‘ação política’ ou a satisfação do entretenimento. ‘Teoria’ e ‘prática’ são possibilidades ontológicas de um ente cujo ser deve determinar-se como cura”. (HEIDEGGER, 2012, p. 261).

Diante dessa questão da não primazia da prática em relação a teoria, nos reportamos ao texto “Pedagogia: o espaço da educação na universidade”, do filósofo e pedagogo

Dermeval Saviani, texto em que a relação teoria-prática é apresentada como um problema primordial da pedagogia.

Segundo Saviani, a compreensão de pedagogia acontece a partir da teoria que se constitui por e para a prática educativa, ocupando-se dessa forma da condução da relação professor-aluno, em que se estabelece a dinâmica de ensino e aprendizagem. “Em sua trajetória multissecular, a característica mais saliente da pedagogia pode ser identificada na relação teoria-prática. Entendida como ‘teoria da educação’ evidencia-se que ela é uma teoria da prática: a teoria da prática educativa. (SAVIANI, 2007).

A cura enquanto fenômeno de constituição ontológica, segundo Heidegger, não permite ser reestruturada para objetivos particulares. Ontologicamente a cura antecede o querer e a propensão. O poder-ser responsável pelo que o Dasein é, traz em si o modo de ser-no-mundo, o poder-ser é responsável pela restauração do ente intramundano.

A cura é sempre ocupação e preocupação, mesmo que de modo privativo. “No querer só se apreende um ente já compreendido, isto é, um ente já projetado em suas possibilidades como ente a ser tratado na ocupação ou ser cuidado em seu ser na preocupação.” (HEIDEGGER, 2012, p. 262). O ser do Dasein enquanto cura, segundo Heidegger é interpretada sem que haja uma imposição ao ser do Dasein de adequação a conceitos produzidos, o que nos possibilita uma definição de modo existencial daquilo que foi estabelecido em um modo ôntico-existenciário.

## 5. LINGUAGEM E EDUCAÇÃO

Neste quinto e último capítulo do nosso trabalho veremos que o encadeamento entre linguagem e educação tem despertado um grande interesse no âmbito da pesquisa, interesse fundamentado no desejo de harmonizar os elementos de compreensão de como acontece a constituição e a atividade da linguagem na educação.

A prática educativa é de grande relevância, devido a participação do pensamento como o produtor de encadeamentos até então não verificados. O conhecimento se dá a partir da ampliação da prática educativa

. Na *Paidéia* (1994), Werner Jaeger apresenta a educação como uma prática natural à um povo que evolui. Segundo Jaeger, a educação é fruto do entendimento de uma conduta que orienta uma comunidade humana, seja em família, no trabalho em grupos étnicos ou dentro de um Estado.

A educação participa na vida e no crescimento da sociedade, tanto no seu destino exterior como na sua estruturação interna e desenvolvimento espiritual; e, uma vez que o desenvolvimento social depende da consciência dos valores que regem a vida humana, a história da educação está essencialmente condicionada pela transformação dos valores válidos para cada sociedade. (JAEGER, 1995, p. 4).

Em um contexto de educação como comunicação, o indivíduo instituído nessa comunicação é levado a promoção de transformação de realidades, enquanto que quem promove essa comunicação, também passa por um processo de transformação, o que implica na elaboração de experiências próprias acontecendo dessa forma um dar e receber dentro dessa comunicação. A educação tem um sentido de destaque na evolução do ser humano. De um modo geral a educação consiste em tudo que atua na evolução do ser humano, e de modo específico figura a promoção das competências e habilidades. Para a sua propagação as relações humanas reivindicam o ensinar aprender que fundamentam a educação.

Para que o homem esteja integrado nas práticas sociais será necessário que este disponha de um conhecimento de enunciado, estando este homem dentro ou fora da sala de aula. Ao professor cabe a apresentação de meios para a concreção do conhecimento acerca de enunciados, proporcionando dessa forma ao aluno a prática da linguagem como instrumento de comunicação e significação de mundo. Encontramos estas disposições nos PCNS <sup>4</sup> para a

---

<sup>4</sup> Os PCNS são direções para a organização de padrões a serem seguidos na educação.

educação brasileira. Nos PCNS encontramos a prática da linguagem como motivação à uma ação de interação e discussão. ”(...) se é pelas atividades de linguagem que o homem se constitui sujeito, só por intermédio delas é que tem condições de refletir sobre si mesmo”. (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2006, p. 24).

O termo educação, visto de forma mais abrangente refere-se a um instrumento utilizado para a transmissão de hábitos, costumes e valores, entre gerações. Paulo Freire (1921-1997), pedagogo, educador e filósofo brasileiro, em sua obra “Educação e mudança” (1979), nos apresenta a impossibilidade de se pensar a educação sem que se pense sobre o próprio homem. “Começamos por pensar sobre nós mesmos e tratemos de encontrar, na natureza do homem, algo que possa constituir o núcleo fundamental onde se sustente o processo de educação”. (FREIRE, 1979, p. 14). Para Paulo Freire a educação se faz legítima ao homem pela incompletude desse homem, a educação conduz o homem em sua busca pela perfeição. Um instrumento de suma importância nessa busca é a linguagem, essa que faz parte da vida do ser humano por ser ideológica, social, histórica e cultural.

Linguagem que é apresentada pela professora emérita da Faculdade de Educação da UFMG Magda Becker Soares, em sua obra “Linguagem e escola” (2000), como o principal objeto e propagação da cultura, nessa propagação muitas vezes são verificadas divergências no uso da linguagem entre culturas diferentes, estabelecendo dessa forma a linguagem como razão para explicações dos fracassos ocorridos nas escolas das camadas populares.

É o uso da língua na escola que evidencia mais claramente as diferenças entre grupos sociais e que gera discriminações e fracasso: o uso, pelos alunos provenientes das camadas populares, de variantes linguísticas social e escolarmente estigmatizadas provoca preconceitos linguísticos e leva a dificuldades de aprendizagem, já que a escola usa e quer ver usada a variante-padrão socialmente prestigiada. (SOARES, 2000, p. 17).

A cultura integra conhecimentos, crenças religiosas, arte, costumes, a linguagem alcança as influências dos ambientes culturais, e na escola segundo Orlandi (2009) o estudo da linguagem costuma ser apresentado como o estudo da gramática.

A linguística que é o estudo científico da linguagem humana segundo André Martinet é diferente da gramática que é o que estabelece regras da escrita e fala de uma língua.

No caso da linguística, importa especialmente insistir no carácter científico e não prescritivo do estudo: como objeto desta ciência constitui uma atividade humana, é grande a tentação de abandonar o domínio da observação imparcial para recomendar

determinado comportamento, de deixar de notar o que realmente se diz para passar a recomendar o que deve dizer-se. A dificuldade de distinguir a linguística científica da gramática normativa lembra a de extrair da moral uma autêntica ciência dos costumes. (MARTINET, 1978, p. 3).

A linguística se ocupa da língua como um elemento da reflexão, um trabalho realizado com a linguagem verbal, oral escrita. “Os sinais que o homem produz quando fala ou escreve são chamados signos. Ao produzir signos os homens estão produzindo a própria vida: com eles o homem se comunica, representa seus pensamentos, exerce seu poder, elabora sua cultura e sua identidade etc”. (ORLANDI, 2009, p. 10). Vários são os tipos de signos que se apresentam como linguagem ao homem, segundo Orlandi, é por meio dos signos que acontece a ligação do homem com sua realidade social e com a natureza. A relevância dos signos da linguagem verbal para o homem fez surgir a linguística.

Na obra “As palavras e as coisas” de Michel Foucault, a análise linguística é apresentada como o que aponta mais uma ideia do que uma explicação, seria esta inerente ao seu próprio objeto. Para Foucault a linguística é relevante, pois sua prática no que diz respeito ao conhecimento humano traz de volta o questionamento acerca do ser da linguagem. Vejamos o que nos diz Foucault a respeito dessa volta.

Neste ponto em que a questão da linguagem ressurgiu com uma tão forte super-determinação e que ela parece investir, por todas as partes, a figura do homem (esta figura que justamente tornara outrora o lugar do Discurso Clássico), a cultura contemporânea está se fazendo uma parte importante de seu presente e talvez de seu porvir. (FOUCAULT, 1999, p. 409).

A declaração da finitude do homem segundo Foucault, parte do âmago da linguagem experienciada como linguagem no movimento das possibilidades que se apresentam a esse homem.

Essa experiência com a linguagem para Heidegger, nos leva a uma análise acerca do domínio a que está exposta a nossa existência, uma experiência necessária, segundo Heidegger, para que saíamos do âmbito dos conceitos que fazem-se presentes na técnica e na língua, deixando-nos reduzidos a escola e ao domínio que lhe é próprio, uma escola em que há uma dedicação com as coisas e não com as palavras.

É aí que se encontra o esvaziamento da linguagem, que se alastra causando uma destruição no âmbito estético, ético e colocando em perigo a essência do homem. “Um simples uso cultivado da linguagem não demonstra, ainda, que conseguimos escapar a este

perigo essencial”. (HEIDEGGER, 2005, p.15). O esvaziamento da linguagem se transforma em um mecanismo que favorece a dominação.

Nós nos deparamos com o esvaziamento da linguagem na falação, pressuposto apresentado por Heidegger em *Ser e tempo*, para apresentar a linguagem proferida sem o compromisso que essa requer.

Segundo Heidegger a linguagem já preserva a interpretação da compreensão do Dasein, uma interpretação que compreende o modo de ser do Dasein. Em uma determinada medida e de forma imediata, o Dasein se concentra em uma interpretação conforme o controle e oferta da possibilidade de um compreender mediano. Um compreender que pronuncia conceitos a partir da compreensão dos outros.

De acordo com a compreensibilidade mediana já dada na linguagem falada que se articula nesse pronunciar-se, a fala comunicada pode ser compreendida amplamente sem que o ouvinte se coloque num ser que compreenda originariamente do que trata a fala. Não se compreende tanto o referencial da fala, mas só se escuta aquilo que já se falou na falação. Esta é compreendida, e aquele só mais ou menos e por alto. Tem-se em mente a mesma coisa porque se compreende em comum o dito numa mesma medianidade. (HEIDEGGER, 2012 a, p. 232).

A escuta e o compreender adotam de forma antecipada o que se fala, não existindo dessa forma um compartilhamento por parte da comunicação, entre informações ontológicas fundamentais e a manifestação da fala. O importante é que se fale, busca-se uma objetividade na fala e na compreensão. Não se busca uma fala que se revele em um modo originário, limita-se a uma repetição da fala. “O falado na falação arrasta consigo círculos cada vez mais amplos, assumindo um caráter autoritário. As coisas são assim como são porque é assim que delas (impessoalmente) se fala. Repetindo-se e passando adiante a fala, potencia-se a falta de solidez. Nisso se constitui a falação”. (HEIDEGGER, 2012, p. 232). A falação, segundo Heidegger, não se limita a uma recorrência da fala, podemos encontrar a falação também naquilo que se escreve, e que por sua vez nutre a fala com o que é lido. Em sua compreensão mediana, o leitor não fará uma distinção entre o que foi escrito de forma autêntica e o que apenas foi repetido.

Em nossa educação podemos falar do esvaziamento da linguagem refletido na questão da falação tratada por Heidegger, no que diz respeito a tendência pedagógica tecnicista, nascida nos Estados Unidos e implantada no Brasil nos anos 60 durante no regime militar, e que nos dias atuais ainda mostra resquícios, tendência em que, segundo Maria Lúcia de

Arruda Aranha, em sua obra “Filosofia da Educação” (1996) , os professores foram obrigados a acolher os decretos-leis de números 5.540/68 (ensino universitário) e 5.692/71 (ensino de 1º e 2º grau), que trouxeram resultados desastrosos para os alunos, decorrente de um currículo restrito que prioriza disciplinas técnicas como português e matemática, e exclui disciplinas como, por exemplo, a filosofia.

A tendência pedagógica tecnicista encontra meios para condicionar e controlar os comportamentos, nos pressupostos teóricos positivistas e behavioristas. Um grande nome do behaviorismo com grande influência na pedagogia tecnicista foi o psicólogo americano Burrhus Frederic Skinner, que em seu livro “Sobre o behaviorismo”, afirma que “Quando um comportamento tem o tipo de consequência chamada reforço, há maior probabilidade de ele ocorrer novamente”. (SKINNER, 1974, p. 43). Sua máquina de ensinar ou instrução programada reduz o professor a um preparador do aluno para observar, ouvir, redigir, ler, memorizar e raciocinar sobre alguns conteúdos preparados por esse professor e reajustado por instâncias que se colocam na escola acima desse professor, é aí que se dá a reprodução ou repetição em sala de aula, o que Heidegger chamaria de falação.

Nietzsche faz críticas à educação oferecida nas instituições de ensino do seu tempo, denunciando a redução do homem promovida por essas instituições que procuram forma-lo para trabalhar para o Estado, ciência e mercado. Nietzsche destaca uma inclinação para o fortalecimento de princípios próprios do ser humano, promovendo-se assim a equiparação do homem em sua serventia, não o impelindo para sua singularidade enquanto ser humano. Essa predisposição à uniformidade aumenta a importância da memorização como de grande relevância para a educação, inferiorizando dessa forma a ação e a criação.

Maria Lúcia de Arruda Aranha (1996), cita o filósofo e sociólogo alemão Jürgen Habermas, que em suas reflexões vê o mundo contemporâneo definido pela “razão instrumental”, uma razão alicerçada na técnica que domina a “razão comunicativa”, razão essencial nas práticas sociais e pessoais.

O predomínio da técnica deforma e tiraniza a educação, os alunos são condicionados a respostas objetivas, e não se tem o devido cuidado com esse aluno no que diz respeito a compreensão acerca do que este ler e escreve. Este cenário nos leva a banalização do ensino, um ensino que pretende a formação rápida do homem destinado a produção de riqueza. A

educação dessa forma estaria voltada à utilidade, uma educação que se afastava de seus anseios mais fundamentais.

Como resposta ao esvaziamento da linguagem na escola, podemos apresentar pressupostos heideggerianos como a cura e o cuidado para a formação dos professores, uma formação mecanizada que traz oposição a uma prática reflexiva, e contempla a prática racional, técnica, o que estabelece o professor como um propagador de um conhecimento que não é próprio de sua vivência na relação ensino/aprendizagem de crianças e jovens. As universidades não tem formado licenciados como docentes, mas especialistas em educação confirmando, assim, o aspecto tecnicista que se apresenta na prática educativa.

Em contraste com essa especialização do professor, podemos indicar o surgimento de um empenho na valorização do humano no âmbito da educação, passando essa educação a pensar nas relações humanas. Essa concepção de formação para o professor assumi a postura do cuidado nas práticas educacionais, uma formação alicerçada nas ciências sociais e humanas.

Heidegger, segundo Kahlmeyer-Mertens, tem a *Paidéia* grega como inspiração significativa em suas ideias sobre educação. A compreensão de Heidegger sobre a educação em face do sistema de ensino/aprendizagem consiste, naquilo que aprimora os instrumentos de indução que possibilitem aos alunos a descoberta de um caminho que os leve ao conhecimento. Dessa forma o ensinar/aprender se volta à experiência e a estruturação do conhecimento e não mais se terá a educação como uma doutrinação. “Empenhado em aprender, o discente é aquele que vê, remontada na tarefa do estudar, a própria existência. Pois o aprender, bem como o existir, é a situação instável na qual ele sempre e a cada vez conquista seu mundo.” (KAHLMEYER-MERTENS, 2008, p.48). O aprender seria em Heidegger, segundo Kahlmeyer-Mertens a linha tênue que separa o ser do não ser, o aprender está em união com a disposição de seguir sendo.

Encontramos a questão do ensinar e do aprender na obra “Ensinar: deixar aprender” (2003), do professor Jaime Paviani, onde este nos evidencia a afirmação de Heidegger, encontrada em um de seus seminários acontecidos na universidade de Freiburg sob o título “O que significa pensar”, de que ensinar fundamenta-se em deixar aprender, o ensinar em Heidegger não seria uma determinação daquilo que se tem que aprender, ensinar seria despertar o aluno para um encontro com o porquê aprender. Como se daria então o aprender

segundo Heidegger? O aprender segundo Heidegger aconteceria conforme o questionamento que fazemos sobre as coisas que se colocam ao nosso dispor. “O homem aprende à medida que traz os seus afazeres e desfazeres para a correspondência com isso que a ele é dito de modo essencial”. (HEIDEGGER, 2012, p. 112). Um aprender que segundo Paviani, envolve escolha, decisão e responsabilidade, compreendendo, dessa forma, o ser humano em sua liberdade e em sua concepção biológica.

Nesse contexto que trata da questão do ensinar e aprender em Heidegger, Rosa Maria Filippozzi Martini (2005), nos mostra que a indicação central de Heidegger no citado seminário seria a relevância do ensinar como “aprender a pensar”, o aprender seria, segundo o filósofo, mais urgente que ensinar. Quando o vínculo entre a prática do aprendiz e o que fundamenta essa prática é estabelecido, se está buscando a aprendizagem, quando não ocorre esse vínculo a atividade torna-se meramente mecânica. Para que a aprendizagem ocorra faz-se necessário alguém que ensine, o que faz do ensinar mais difícil que aprender.

Ensinar é mais difícil porque significa “deixar aprender”. O professor, como um pensador, é muito mais inseguro sobre o que ele tem entre as mãos. A verdadeira relação entre o professor, como pensador, e os aprendizes não é baseada na autoridade de quem cumpri uma missão. Ser professor enquanto pensador é muito mais do que ser um especialista numa área do conhecimento. (MARTINI, 2005, p. 11).

Heidegger busca uma liberdade de pensamento, segundo Rosa Maria Filippozzi (2005), como um modo de “deixar aprender”, que configura mesmo nos dias atuais um ato de grande coragem, pois ainda nos encontramos sob um poder hegemônico que domina a ciência, tecnologia e comunicação, um poder obstinado à incutir seu modo de ver e pensar o mundo ao resto do mundo. Essa liberdade de pensamento é o que possibilita a apresentação da existência por meio da linguagem é no evento do pensar que a existência ingressa na linguagem, por isso a linguagem é dita por Heidegger como sendo a casa do ser, é nesta casa que mora o homem, os pensadores e o poeta são os guardiões dessa casa. São esses guardiões que praticam e promovem as manifestações da existência enquanto as conduzem a linguagem perpetuando-as.

Heidegger vê esse diálogo entre pensamento e poesia como algo legítimo e em determinado momento fundamental, pois estes conservam um vínculo singular, porém sem se colocarem como embaraços à linguagem. Sobre esse diálogo Heidegger diz, “A conversa do pensamento com a poesia busca evocar a essência da linguagem para que os mortais

aprendam novamente a morar na linguagem.” (HEIDEGGER, 2012 b, p.28). Podemos perceber que nos dias atuais se reflete a ideia de Heidegger sobre a alienação que submete a linguagem a conceitos gerais, o que acaba por colocar em risco a própria essência do homem. A única linguagem capaz de afastar a possibilidade dessa perda de essência é a linguagem original,<sup>5</sup> onde acontece o verdadeiro mostrar-se da existência.

Sendo assim, cabe ao educador que se propõe a ensinar, como aquele que está sempre aprendendo a pensar, determinar-se a um aprofundamento nessa liberdade de pensamento, pretendendo sempre desafiar o educando a acompanhar o dinamismo do pensamento. O educador exerce a função do pensador, daquele que cuida da casa do ser, portanto, da linguagem.

---

<sup>5</sup> A linguagem original é aquela que segundo Heidegger, manifesta, mostra, revela e traz à luz o ser, e portanto também as coisas. Essa linguagem não é fundamentada por nenhum sinal, ela fundamenta todos os sinais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nosso trabalho monográfico nos propusemos a analisar a linguagem a partir do pensamento de Martin Heidegger em conexão com a educação. No início, apresentamos algumas perspectivas sobre a linguagem começando por Heidegger e adentrando para o pensamento de outros teóricos.

Podemos perceber a partir desse primeiro capítulo que desde a antiguidade os filósofos se colocaram a procura de uma realidade autêntica, fundamentando seus princípios por pensamento, linguagem e realidade. Ocupando-se dessa forma em solucionar problemas entre linguagem e pensamento, levantando-se assim a questão: será o pensamento possibilitado pela linguagem ou a linguagem determinada pelo pensamento?

A linguagem passa de um instrumento de conhecimento estático à formadora em sua prática de todo o conhecimento. Em *A caminho da linguagem* (1950) observamos como Martin Heidegger deu início a uma mudança na forma como a linguagem era pensada como razão desde os tempos remotos com Platão e Aristóteles, o que trazia um vazio ao se pensar uma possível relação entre pensamento e linguagem. O interesse de Heidegger sobre as questões que envolvem a linguagem pode ser percebida desde *Ser e tempo* (1927), onde a fala é indicada como o fundamento ontológico-existencial da linguagem. Os problemas envolvendo a linguagem trouxeram expressivas mudanças nas diferentes escolas filosóficas da contemporaneidade, passando essa a ser vista como um elemento de constituição do mundo, como algo específico da vida.

No segundo capítulo do nosso trabalho foram analisados os existenciais que estruturam a linguagem. Segundo Heidegger esses existenciais são o compreender, que em *Ser e tempo* (2012) é apresentado como a região onde o Dasein é lançada em seu ser para as possibilidades, a interpretação que é a elaboração dessas possibilidades em formas, o enunciado que estabelece a abertura ao ente e o conhecimento acerca do ser desse ente, e a fala onde acontece toda compreensão, interpretação e enunciado e que é manifestada na linguagem. A escuta e o silêncio são prerrogativas da linguagem falada, são esses fenômenos que evidenciam a ação específica da fala na existência.

A determinação de Heidegger em disponibilizar um caminho que nos leve para a linguagem é examinada no terceiro capítulo, no qual podemos testemunhar sua pretensão em

nos oferecer “a linguagem como linguagem para a linguagem”, onde Heidegger se refere a linguagem como fala, como metafísica e como poesia, poesia que para o filósofo é o estabelecimento do ser através da fala ou linguagem, na relação da poesia com a palavra podemos constatar a possibilidade de uma experiência pensante. O movimento da poesia se dá no dizer, quando fazemos uma reflexão acerca da desta, nos colocamos na mesma esfera de movimento do pensamento. Aqui desenvolvemos uma compreensão de que experimentar a linguagem não é a mesma coisa que conhece-la, essa experiência com a linguagem se daria por meio de caminhos que estão disponíveis, mas pouco percorrido.

O nosso trabalho também nos proporcionou oportunidade de perceber que mesmo não sendo Heidegger um estudioso da educação seus pressupostos podem ser usados na questão da educação. É o que tratamos no terceiro capítulo do nossa trabalho, onde realizamos uma leitura da obra do professor Roberto Saraiva Kahlmeyer-Mertens “Heidegger e a educação”, obra em que Heidegger aparece como aquele que trouxe grande contribuição para as ciências humanas e para educação. Embora filósofo e não pedagogo, Heidegger ofereceu uma grade contribuição as ciências humanas e a educação a partir de sua investigação acerca do sentido do ser e existência do homem. Suas ideias trouxeram mudanças ao pensamento ocidental, uma nova compreensão da razão, sujeito, indivíduo, existência entre outros. Ideias que podem ser constatadas nas mudanças ocorridas na educação tradicional, estabelecidas no que Demerval Saviani (1985) denominou de “Concepção humanista moderna da filosofia da educação” estruturada na existência, onde o indivíduo deixa o lugar de espectador para atuar no mundo.

Compreender a educação a partir da pensamento de Martin Heidegger seria a possibilidade de nos retirar da imediatez do nosso dia-a-dia, a oportunidade de sairmos do impessoal, da desobrigação de fazermos escolhas em nosso modo se pensar, comportar e educar que se apoia nos moldes da sociedade, para sermos singulares em nosso próprio modo de ser e agir. Essa singularidade será estabelecida a partir da prática da linguagem, é na prática da linguagem que o homem passa a refletir sobre si. Quanto mais a linguagem se mostrar naquilo que lhe é específico, tanto mais se faz importante o caminho para a linguagem.

Linguagem e educação tem sido um tema muito recorrente no âmbito da pesquisa, por isso no quarto capítulo nós trouxemos a prática educativa como algo extraordinário e de grande relevância na evolução humana, a promoção das relações humanas reclama o ensinar

aprender que é o alicerce da educação. Encontramos em Heidegger o sistema de ensino/aprendizagem como a elaboração de mecanismos de orientação que levem aos alunos a possibilidade do conhecimento.

É responsabilidade do professor que decide ensinar como um aprendiz do pensamento, como observamos no quinto capítulo, levar o aluno à experienciar a liberdade do pensamento na construção do conhecimento, a liberdade de pensamento é o lugar de acontecimento da existência por meio da linguagem, essa que para Heidegger é a casa do ser, a forma do acontecimento apropriador, o que se está a pensar, o que a faz lugar de morada do homem.

O vínculo de Heidegger com a educação só poderá ser compreendido no que nele se faz mais peculiar, seus pressupostos ontológicos e acima de tudo nas explicações referentes a linguagem considerada o terceiro fio de uma trança que, ainda tem em sua constituição pensamento e mundo.

Heidegger nos orienta em um aprofundamento na questão da linguagem apresentando toda sua estrutura, mostrando a importância do discurso e da poesia em sua exteriorização na forma superior e original. É a linguagem responsável pelo nosso desvelamento, é nela que o ser é manifestado em sua verdade.

## BIBLIOGRAFIA

Fontes primárias:

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Tradução revisada e apresentação de Marcia Sá Cavalcante Schuback; posfácio de Emmanuel Carneiro Leão. 6° ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012 a.

\_\_\_\_\_. **A caminho da linguagem**. Tradução Márcia Sá Cavalcante Schuback. 6° ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012 b.

Fontes secundárias:

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofia da educação**. São Paulo: Moderna, 1996. p. 167/171.

BAKHTIN, Mikhail Mjkhailovictch. **Estética da criação verbal**. Tradução Maria Emsantina Galvão G. Pereira; revisão de tradução Marina Appenzellerl. 2° ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 277/279.

DUBOIS, Christian. Heidegger: introdução a uma leitura. Tradução Bernardo Barros Coelho de Oliveira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. p. 43.

DE SÃO VITOR, Hugo. Didascálicon da arte de ler. Introdução e tradução Antonio Marchionni. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001. p. 149.

FAUSTINO, Silvia. Derrida e a linguagem. Disponível em <http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/derrida-e-a-linguagem/>. Acesso em 20/03/2016.

FREIRE, Paulo. Educação e mudança. 12° ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1979. p. 14.

FOUCAULT, Michel. As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas. Tradução Salma Tannus Muchail. 8° ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 409.

GADAMER, Hans-Georg. Verdade e método. Tradução de Flávio Paulo Meurer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. p. 566/567.

HERMAN, Nadja. A contribuição de Martin Heidegger para a hermenêutica. In **Hermenêutica e Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 31/40.

HEIDEGGER, Martin. **Introdução à filosofia**. Tradução Marco Antonio Casanova; revisão de tradução Eurides Avance de Souza; revisão técnica Tito Lívio Cruz Romão. 2º ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009. p. 28/70.

\_\_\_\_\_. **O que é uma coisa? Doutrina de Kant dos princípios transcendentais**. Tradução Carlos Morujão. Edições 70. Lisboa, Portugal, 1987. p. 75/82.

\_\_\_\_\_. **Língua de tradição e língua técnica**. Tradução Mário Botas. 1º ed. Lisboa, Portugal. Vega, 1995. p. 7/67.

\_\_\_\_\_. O que quer dizer pensar? In: **Ensaaios e conferências**. Tradução Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Márcia Sá Cavalcante Schuback. 8º ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012 c. p. 111/124.

\_\_\_\_\_. A questão da técnica. In: **Ensaaios e conferências**. Tradução Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Márcia Sá Cavalcante Schuback. 8º ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012 c. p. 30/31.

\_\_\_\_\_. **Carta sobre o humanismo**. Tradução Rubens Eduardo Frias. 2º ed. São Paulo. Centauro, 2005.

JAEGER, Werner. **Paidéia: a formação do homem grego**. Tradução Artur M. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1995. p. 4.

JONAS, Hans. **O princípio responsabilidade: Ensaio de uma ética para a civilização tecnológica**. Tradução Marijane Lisboa, Luiz Barros Monteiro. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed da PUC-Rio, 2006. p. 47.

KAHLMAYER-MERTENS, Roberto Saraiva. **Heidegger e a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MARTINET, André. **Elementos de linguística geral**. Tradução Jorge Morais Barbosa. 8º ed. São Paulo: Martins Fontes, 1978. p. 3.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Orientações curriculares para o ensino médio. Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília, 2006. p. 24.

MARTINI, Rosa Maria Filippozzi. **Paulo Freire e Heidegger: o essencial é deixar aprender.** Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/6290>. Acesso em 07/07/2016. p. 10/12.

NEUKAMP, Elenilton. **As críticas do professor Nietzsche à educação de seu tempo.** Disponível em: [http://www.consciencia.org/nietzsche\\_educacao](http://www.consciencia.org/nietzsche_educacao). Acesso em 30/08/2016

ORLANDI, Eni Puccinelli. **O que é linguística.** 2º ed. São Paulo: Brasiliense, 2009. p. 7/10.

PETRONILIO, Paulo. **Literatura, vida e linguagem em Gilles Deleuze.** Disponível em <http://seer.ucg.br/index.php/guara/article/view/2157/1329>. Acesso em 20/03/2016.

PAVIANI, Jaime. Ensinar: deixar aprender. Porto Alegre: EDPUCRS, 2003. p. 15/17.

SOUZA, Sonia Maria Ribeiro de. **Um outro olhar.** São Paulo: FTD, 1995. p. 108/109.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia: o espaço da educação na universidade,** 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v37n130/06.pdf>. Acesso em 17/04/2016.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola: uma perspectiva social.** 17 ed. São Paulo: Ática, 2000. p. 14/17.

SKINNER, Burrhus Frederic. **Sobre o behaviorismo.** Tradução Maria da Penha Villalobos. São Paulo: Cultrix, 1974. p. 43.

TEIXEIRA, Evilázio Borges. **A Fragilidade da razão: pensiero debole e niilismo hermenêutico em Gianni Vattimo.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. p. 101/102.

VATTIMO, Gianni. Ser, evento, linguagem. In: **Introdução a Heidegger.** 10 ed. São Paulo. Instituto Piaget, 1996. p. 130.